

Análise lexical do campo semântico "jogos e brincadeiras infantis" nos dados do Atlas Linguístico do Amapá

*Lexical analysis of the semantic field
"children's games and play" in data from
the Linguistic Atlas of Amapá*

Marcele MACIEL 

Universidade Federal do Amapá
Santana, Brasil
marcelemaciel08@gmail.com

Romário SANCHES 

Universidade Federal do Amapá
Santana, Brasil
romario.duarte@unifap.br

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo mapear e analisar a variação lexical do campo semântico "jogos e brincadeiras infantis" do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). O estudo está ancorado na Dialetologia Pluridimensional, tendo como método a Geolinguística Moderna, que incorpora a cartografia linguística e os princípios da Sociolinguística quantitativa (Cardoso, 2010). A pesquisa contou com dados lexicais previamente coletados pela equipe ALAP. Neste sentido, fizeram parte da pesquisa 40 informantes, distribuídos em 10 localidades do Amapá, conforme faixa etária e sexo. Na análise dos dados, foi identificado que apenas nos itens de nº 138 - *ferrolho*, nº 139 - *gangorra* e nº 136 - *cabra-cega* houve predominância lexical diferente de variantes padrão do português brasileiro, respectivamente denominados por amapaenses como *mãe*, *balanço* e *pata-cega*. Já no que se refere aos demais itens lexicais (*pipa/arraia*, *pega-pega* e *balanço*), as denominações que se mantiveram com maior ocorrência foram de variantes padrão do português brasileiro, ou seja, foram nomeados por amapaenses conforme as denominações já dicionarizadas. Assim, constatou-se a preferência dos mais jovens pelo uso de lexias mais federadas, ou seja, mais padronizadas, como *cabra-cega* e *gangorra*, enquanto a memória linguística infantil dos mais velhos remeteu ao uso de lexias menos padronizadas ou não dicionarizadas, como *pata-cega* e *balanço*.

Palavras-chave: Dialetoлогия; Geolinguística; Amapá; jogos e brincadeiras.

Abstract: The present study aims to analyze the lexical variation in the semantic field of children's games and play in the Linguistic Atlas of Amapá (ALAP). The study is grounded in Pluridimensional Dialectology, using Modern Geolinguistics (which incorporates linguistic cartography and the principles of quantitative Sociolinguistics) (Cardoso, 2010). The research used lexical data that had already been collected by the ALAP team. In this sense, 40 informants participated in the research, distributed across 10 locations in Amapá, according to age group and gender. In the data analysis, we identified that only in items no. 138 - *ferrolho*, no. 139 - *gangorra*, and no. 136 - *cabra-cega* was there a lexical predominance different from standard variants of Brazilian Portuguese, respectively referred to by Amapaenses as *mãe*, *balanço*, and *pata-cega*. As for the other lexical items (*pipa/arraia*, *pega-pega*, and *balanço*), the names that remained most prevalent were standard variants of Brazilian Portuguese, that is, they were named by Amapaenses according to the names already listed in dictionaries. Consequently, the study identified a preference among the younger generation for standardized lexical units, whereas the childhood memories of older participants reflected the use of non-standard or non-dictionary terms, such as *pata-cega* and *balanço*.

Keywords: Dialectology; Geolinguistics; Amapá; games and play.

1 INTRODUÇÃO

As brincadeiras infantis, enquanto práticas culturais enraizadas em tradições locais, constituem um campo semântico que revela como palavras circulam, se transformam ou se perpetuam no espaço geográfico e no meio social das comunidades. Sob a perspectiva da Dialetoлогия Pluridimensional, essas práticas permitem identificar tanto variações regionais de nomenclaturas, quanto lexias mais universalizantes (Ferreira, 2015).

A Dialetoлогия surge como uma área da linguística dedicada ao estudo da variação linguística no espaço geográfico. Chamada de dialetoлогия tradicional, por muito tempo, focalizou quase, exclusivamente, na variação diatópica. Atualmente, os estudos dessa área no Brasil dão ênfase também às variáveis sociais. Com isso, seu objetivo central é investigar as variedades linguísticas, enquanto sistema dinâmico, em sua dimensão espacial e sociocultural (Cardoso, 2010).

Nesse âmbito, a Geolinguística é um conceito-chave, pois ela constitui o método de análise do qual a Dialetoлогия se utiliza. Compreender

a variação linguística implica reconhecer que uma mesma língua pode apresentar múltiplas formas de expressão, sem que isso implique erro ou desvio da norma-padrão. Essas variações podem ocorrer em diferentes níveis, como no vocabulário, na pronúncia ou na estrutura gramatical, e são influenciadas por variáveis, como região geográfica, faixa etária, gênero, nível de escolaridade, profissão e contexto de uso.

No Brasil, a pesquisa dialetológica tem se desenvolvido por meio de atlas linguísticos que reúnem dados coletados em campo com o objetivo de registrar e mapear a diversidade lexical, fonética e morfossintática das diferentes regiões do país. Dentre esses projetos, destaca-se neste trabalho o Atlas Linguístico do Amapá - ALAP (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017), que oferece um retrato da variação linguística presente no estado do Amapá, contribuindo para a valorização e descrição das variedades locais.

É nesse contexto que se insere o presente artigo. A proposta é analisar como o léxico relacionado ao campo semântico jogos e brincadeiras infantis se manifesta nos dados do ALAP, evidenciando as escolhas linguísticas dos falantes e os significados culturais associados a essas práticas. Por meio dessa análise, busca-se refletir sobre o papel da linguagem como expressão da experiência coletiva e individual, bem como destacar a importância da pesquisa dialetológica para a compreensão da pluralidade linguística no cenário amapaense.

2 SITUANDO A DIALETOLOGIA E A GEOLINGÜÍSTICA

A variação lexical é uma realidade observável no falar da língua. É a partir dessa constatação que se desenvolvem os estudos dialetológicos e geolinguísticos. Ambos os campos têm como objetivo compreender como a língua se manifesta nas diferentes regiões e comunidades de falantes.

Conforme Ferreira (2015), o surgimento da dialetologia remonta ao século XIX, como desdobramento da linguística histórica comparada, e está fortemente ligado ao desenvolvimento dos primeiros atlas linguísticos europeus, como o *Atlas Linguistique de la France*, organizado por Jules Gilliéron e Edmond Edmont, publicado entre 1902 e 1910. Esse trabalho pioneiro utilizou questionários padronizados e entrevistas com informantes locais para mapear a variação linguística em diferentes localidades

francesas. Desde então, os estudos dialetológicos têm se expandido por diversos países, inclusive pelo Brasil, com foco na descrição da variação linguística diatópica, ou seja, relacionada ao espaço geográfico.

A geolinguística, como método da Dialetologia, não se limita à descrição das formas regionais da língua, mas busca compreender os fatores sociais, históricos e culturais influenciam essa variação, visto que “o objeto de estudo da sociolinguística é a língua falada em correlação com o contexto no qual ela é empregada” (Ribeiro, 2012, p. 52).

Desse modo, a Geolinguística Moderna relaciona a Dialetologia com a Sociolinguística, cruzando dados geográficos com variáveis sociais, tais como gênero (variação diasssexual), faixa etária (variação diageracional) e o nível de escolaridade ou profissão (variação diastrática). Além disso, os “aportes metodológicos da Sociolinguística como a utilização de métodos quantitativos de análise [...] são exemplos da interface que se instituiu entre a Dialetologia e a Sociolinguística” (Ribeiro, 2012, p. 50).

No cenário brasileiro, o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) representa um avanço da geolinguística no país, pois adotou critérios refinados para seleção de informantes, além de contar com um aparato tecnológico e científico que permitiu maior precisão nas análises (Cardoso, 2014). O projeto conta com 250 pontos de inquérito distribuídos por todos os estados brasileiros e vem resultando na publicação de volumes com cartas linguísticas e análises das variantes identificadas.

Além do ALiB, diversos atlas linguísticos regionais têm contribuído para o aprofundamento dos estudos geolinguísticos no país. Um exemplo é o Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), que busca registrar as especificidades do português falado em 10 localidades do Amapá a partir de um *corpus* linguístico constituído por 40 informantes.

O projeto ALAP, assim como o ALiB, adota os princípios metodológicos da geolinguística pluridimensional, contemplando variáveis, como diatópica, diastrática, diasssexual e diageracional. Esses princípios ajudam a entender a realidade sociocultural e histórica das localidades pesquisadas, além da análise das variantes linguísticas registradas, reconhecendo a influência de diferentes grupos étnicos e culturais, como

indígenas, ribeirinhos e migrantes de outras regiões (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017).

A Dialetologia e a Geolinguística constituem campos complementares e ajudam a compreender a mudança e a variação linguística a partir do espaço geográfico. Enquanto a Dialetologia lançou as bases para o estudo sistemático das variedades, a Geolinguística expandiu essas bases, incorporando novos instrumentos teóricos e metodológicos. No contexto brasileiro, o projeto ALAP exemplifica a aplicação desses princípios, demonstrando a importância dos estudos geolinguísticos na contemporaneidade.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa baseia-se na Geolinguística Pluridimensional como método, considerando as variáveis diatópica, diassexual e diageracional, base metodológica adotada pelo Projeto Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). Quanto à variável diatópica, foram selecionadas dez localidades para constituírem a rede de pontos do ALAP, levando-se em conta densidade demográfica, baixo fluxo de migração e historicidade local. As cidades selecionadas foram: 1 - Macapá; 2 - Santana; 3 - Mazagão; 4 - Laranjal do Jari; 5 - Pedra Branca do Amapari; 6 - Porto Grande; 7 - Tartarugalzinho; 8 - Amapá; 9 - Calçoene e 10 - Oiapoque (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017).

Quanto às variáveis diassexual e diageracional, foram elencados 4 informantes por localidade, sendo: um homem e uma mulher de 18 a 30 anos e um homem e mulher, de 50 a 75 anos. Para tanto, foi realizada uma triagem conforme o perfil exigido para a pesquisa, isto é: a) ter nascido no município; b) ser filho de pais nascidos na região; c) não ter morado em outro estado ou região por mais de um ano; d) ter nível de instrução escolar variando de analfabeto ao Ensino Fundamental completo; e) possuir boas condições de saúde e de fonação; e f) ter disponibilidade para a entrevista.

Sobre o objeto de análise, cabe mencionar que foram considerados os itens lexicais referentes ao campo semântico *jogos e brincadeiras infantis*. Ao todo, esse campo contém 12 itens lexicais, no entanto, 06 deles já foram publicados no primeiro volume do Atlas Linguístico do Amapá (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017), a saber: carta L55 - *cambalhota*; carta L56 -

bolinha de gude; carta L57 - *estilingue*; carta L58 - *papagaio de papel*; carta L59 - *esconde-esconde* e carta L60 – *amarelinha*.

Neste sentido, esta pesquisa centra-se na análise dos itens ainda não publicados, que são: carta L135 - *pipa/arraia*; carta L136 - *cabra-cega*; carta L137 - *pega-pega*; carta L138 - *ferrolho/salva/picula/pique*; carta L139 - *gangorra* e carta L140 - *balanço*. Trata-se de dados em fase de sistematização e revisão para publicação posterior, isto é, farão parte do segundo volume do referido atlas.

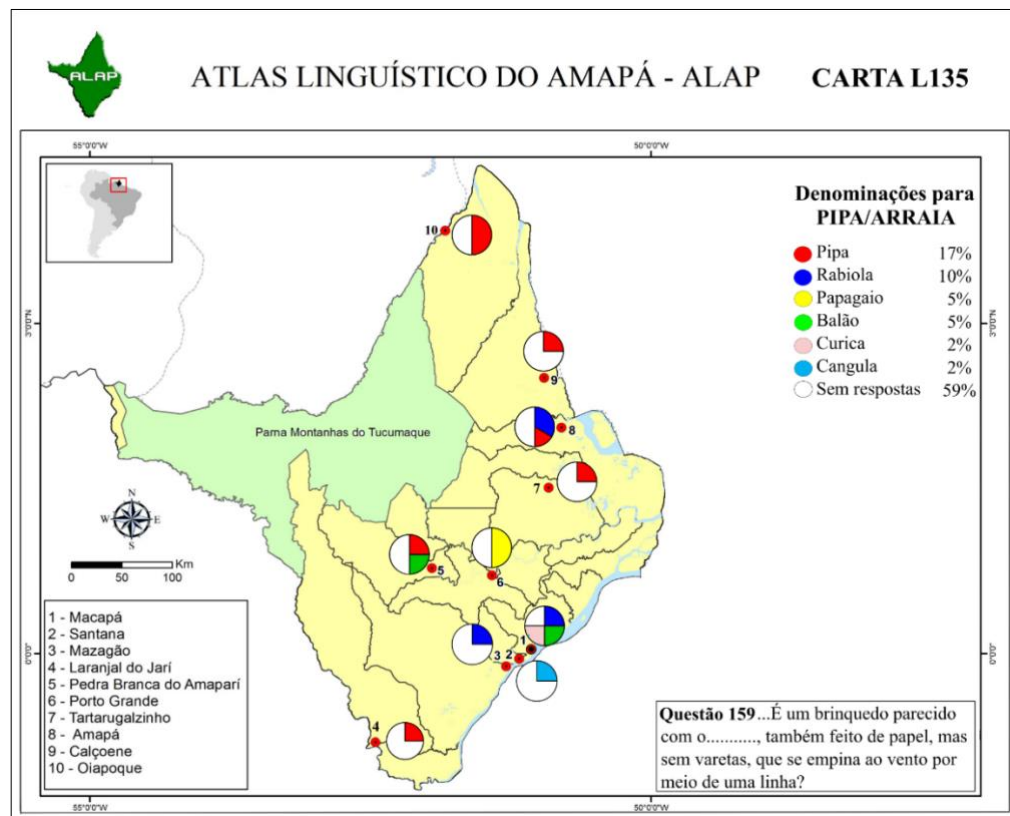
4 DENOMINAÇÕES DE JOGOS E BRINCADEIRAS INFANTIS NO AMAPÁ

Nesta seção, são descritos os itens lexicais em foco e suas respectivas variantes, considerando, para cada variante, as suas porcentagens de ocorrência diatópica, isto é, por localidade, e as porcentagens de ocorrência diastrática, que, no caso desta pesquisa, foram consideradas as variáveis diassexual e diageracional.

É válido ressaltar que os dados já foram previamente coletados em campo, transcritos e mapeados pela equipe ALAP. A coleta e transcrição foi realizada no período entre 2012 e 2014. Os itens lexicais analisados, conforme a numeração de cartas lexicais do ALAP, volume 2, são: 135 – *Pipa*; 136 – *Cabra-cega*; 137 – *Pega-pega*; 138 – *Ferrolho*; 139 – *Gangorra* e 140 – *Balanço*.

4.1 Variantes lexicais para *pipa*

A carta 135 – *Pipa* corresponde ao primeiro item do campo semântico jogos e brincadeiras infantis do ALAP, volume 2. Trata-se da questão 159 do questionário Semântico-Lexical (QLS) do ALiB, que diz o seguinte: “como você chama o brinquedo parecido com o papagaio/rabiola, que também é feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?” A partir desta pergunta foram obtidas as seguintes respostas (variantes):

Figura 1 – item lexical *Pipa*.

Fonte: Elaborada pela equipe ALAP¹.

Na descrição da variação diatópica, conforme a figura 1, pode-se observar que as variantes citadas como respostas pelos informantes foram: *pipa*, com 7 ocorrências (17%); *rabiola*, com 4 ocorrências (10%); *papagaio*, com 2 ocorrências (5%); *balão*, com 2 ocorrências; *curica* e *cangula* com 1 ocorrência cada uma (2% cada).

É possível observar que também houve informantes que não souberam responder, gerando ausência de respostas para a pergunta deste item lexical, totalizando 24 ausências (59%). Para esse item, a variante mais frequente foi *pipa*, e teve maior ocorrência nos pontos 10 (Oiapoque), 9 (Calçoene), 7 (Tartarugalzinho), 5 (Pedra Branca do Amapari) e 4 (Laranjal do Jari). A variante *rabiola* está presente nos pontos 8 (Amapá), 1 (Macapá) e 3 (Mazagão).

A variante *papagaio* está presente apenas no ponto 6 (Porto Grande). A variante *balão* ocorre nos pontos 1 (Macapá) e 5 (Pedra Branca do Amapari). Em relação à variante *curica*, é possível observar que sua

¹ A autora integra a equipe do Atlas Linguístico do Amapá – ALAP, volume 2.

ocorrência se limita ao ponto 1 (Macapá) e a variante *cangula* esteve presente apenas no ponto 2 (Santana). Na tabela 1, estão os resultados em relação às dimensões diassexual e diageracional, com o número de ocorrência e respectivos percentuais para cada variante:

Tabela 1 - Variação diassexual e diageracional: carta L135

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18–30 anos)		Grupo B (50–75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Pipa	4	57%	3	43%	6	86%	1	14%
Rabiola	2	50%	2	50%	3	75%	1	25%
Papagaio	1	50%	1	50%	1	50%	1	50%
Balão	2	100%	0	0%	1	50%	1	50%
Curica	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Cangula	1	100%	0	0%	0	0%	1	100%
Sem respostas	11	46%	13	54%	11	46%	13	54%

Fonte: Elaborada pelos autores

A partir da tabela 1 é possível inferir que a variante *pipa* é a que prevalece nas respostas dos homens e na faixa etária mais jovem. A variante *rabiola* apresenta a mesma frequência entre os gêneros e uma tendência na faixa etária mais jovem.

Em relação à variante *papagaio*, as frequências são equivalentes em ambos os gêneros e em ambas as faixas etárias, com apenas uma ocorrência em cada sexo e uma ocorrência em cada grupo etário. Em relação à variante *balão*, houve somente duas ocorrências, ambas no sexo masculino, com a mesma frequência entre homens mais novos e mais velhos.

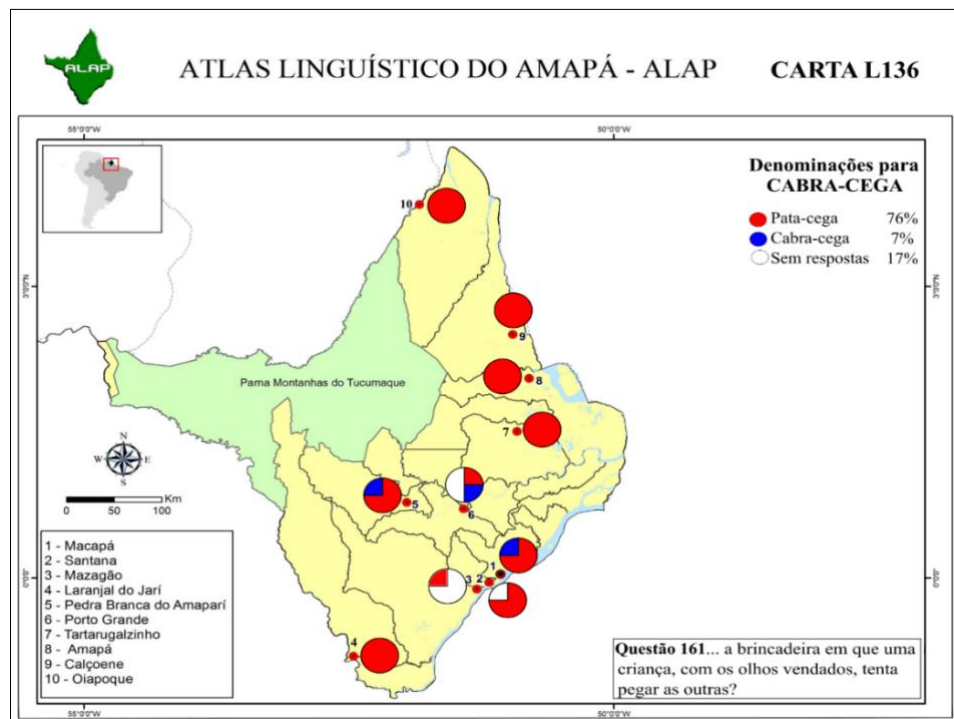
No que diz respeito à variante *curica*, houve registro na fala de apenas um informante, do sexo masculino, e da faixa etária mais idosa. O mesmo ocorre com a variante *cangula*. Com relação à falta de resposta, ela se caracterizou tanto entre homens quanto entre mulheres, assim como também houve ausência em ambos os grupos etários, com uma frequência relativamente próxima em cada sexo e em cada grupo.

4.2 Variantes lexicais para *cabra-cega*

A carta 136 – *cabra-cega* corresponde ao segundo item do campo semântico jogos e brincadeiras do ALAP, volume 2. Essa carta refere-se à

questão 161 do questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB: “como você chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras?” Houve duas variações de resposta, sendo elas: *pata-cega* e *cabra-cega*. Pela análise diatópica, essas variantes se apresentam de acordo com a figura 2.

Figura 2 – item lexical cabra-cega



Fonte: Elaborada pela equipe ALAP.

Pode-se observar, conforme a imagem, que os falantes amapaenses apresentam uma homogeneidade para a variante lexical *pata-cega*. Há um significativo predomínio dessa variante, presente em todas as 10 localidades analisadas, sobretudo na região norte do estado, em que essa variante é a única registrada, com 100% de frequência nos seguintes municípios: 10 (Oiapoque), 9 (Calçoene), 8 (Amapá) e 7 (Tartarugalzinho). A respeito da variante *cabra-cega*, que se trata da nomenclatura/variante mais padrão no Brasil para esta brincadeira, só há registro dela em 3 municípios amapaenses, sendo eles: 1 (Macapá), 5 (Pedra Branca do Amapari) e 6 (Porto Grande), com apenas 1 ocorrência em cada um desses municípios. Essas 3 ocorrências representam 7% das respostas, em contraposição aos 76% de respostas que o item *pata-cega* totaliza, com 31 respostas. Houve 6

ausências de respostas (17%). Na tabela 2, estão os resultados da análise diasssexual e diageracional, com o quantitativo de ocorrências e seus respectivos percentuais.

Tabela 2 – Variação diasssexual e diageracional: carta L136

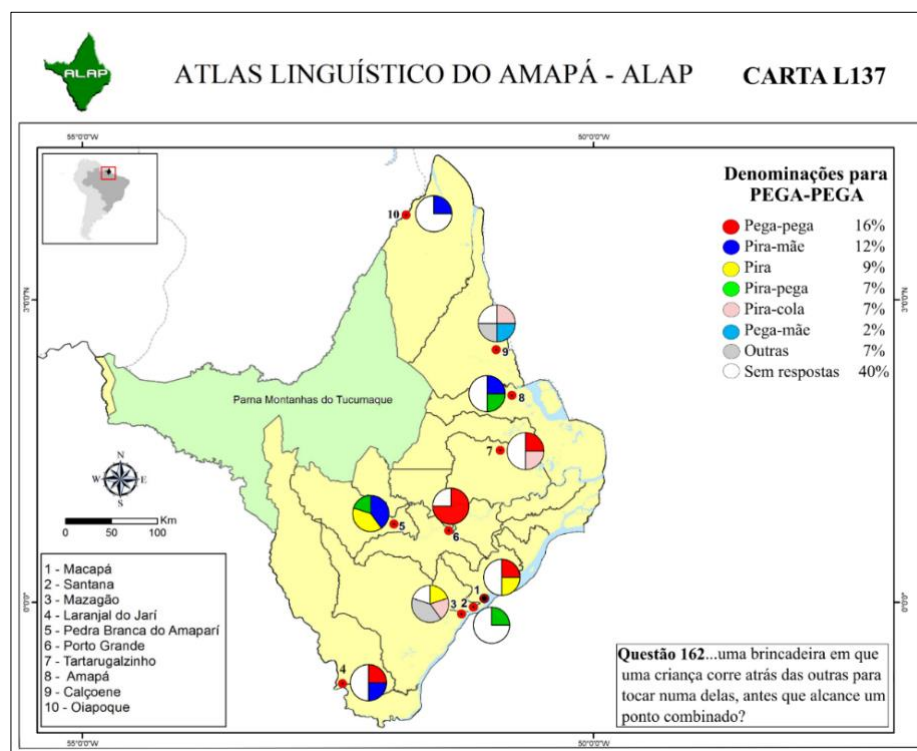
Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18–30 anos)		Grupo B (50–75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Pata-cega	15	(48%)	16	(52%)	15	48%	16	52%
Cabra-cega	2	(67%)	1	(33%)	3	100%	0	(0%)
Sem respostas	2	(50%)	2	(50%)	0	0%	4	100%

Fonte: elaborada pelos autores

É possível constatar que a variante *pata-cega* apresenta a mesma frequência entre homens e mulheres, como também em ambos os grupos etários, com 15 ocorrências entre os homens e 16 entre as mulheres e 15 ocorrências no grupo A e 16 ocorrências no grupo B. A variante *cabra-cega*, mais restrita no Amapá, registrou apenas 3 ocorrências, sendo 2 entre homens e 1 entre mulheres, todas restritas ao grupo mais jovem. A respeito de informantes sem respostas, houve a mesma frequência entre homens e mulheres, com 2 ausências em cada gênero, sendo todas elas registradas na faixa etária do grupo B (50-57 anos).

4.3 Variantes lexicais para *pega-pega*

Na carta lexical 137 – *pega-pega*, terceiro item do referido campo semântico, os dados de respostas do ALAP apresentam uma grande variedade de lexias, sendo elas: *pega-pega*, *pira-mãe*, *pira*, *pira-pega*, *pira-cola*, *pega-mãe* e outras (*galinha pintadinha* e *galinha do vizinho*). A pergunta referente a essa brincadeira, a saber: “Como você chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?”, corresponde à questão 162 do questionário lexical do ALiB. As respostas obtidas e suas distribuições geográficas estão presentes na figura 3.

Figura 3 – item lexical *pega-pega*.

Fonte: Elaborada pela equipe ALAP.

A partir desta carta linguística, pode-se observar as variantes mencionadas pelos informantes para o item *pega-pega*. Apesar da grande variedade de respostas, a lexia mais frequente é *pega-pega*, com 6 ocorrências (16%) – sendo três ocorrências no ponto 6 (Porto Grande), uma ocorrência no ponto 7 (Tartarugalzinho), uma ocorrência no ponto 1 (Macapá) e uma ocorrência no ponto 4 (Laranjal do Jari).

A segunda lexia mais frequente é *pira-mãe*, com 5 ocorrências (12%) – sendo duas ocorrências no ponto 5 (Pedra Branca do Amapari), uma no ponto 4 (Laranjal do Jari), uma no ponto 8 (Amapá) e uma no ponto 10 (Oiapoque).

A terceira lexia registrada é *pira*, com 4 ocorrências (9%) – sendo duas ocorrências no ponto 5 (Pedra Branca do Amapari), uma ocorrência no ponto 3 (Mazagão) e uma ocorrência no ponto 1 (Macapá). Na sequência, temos a lexia *pira-pega*, com 3 ocorrências (7%) – sendo uma ocorrência no ponto 2 (Santana), uma no ponto 5 (Pedra Branca do Amapari) e uma ocorrência no ponto 8 (Amapá). A variante *pira-cola* apresenta a mesma

frequência de *pira-pegã* (3 ocorrências que totalizam 7%), porém em localidades diferentes, sendo uma ocorrência no ponto 3 (Mazagão), uma no ponto 7 (tartarugalzinho) e outra no ponto 9 (Calçoene).

A variante *pegã-mãe* registrou uma frequência (2%), no ponto 9 (Calçoene). As demais lexias (*galinha pintadinha* e *galinha do vizinho*) foram mencionadas duas vezes, tendo ocorrido ambas as menções no ponto 3 (Mazagão). No que diz respeito à falta de respostas, uma grande parcela dos informantes teve dificuldade em nomear este item lexical, visto que houve 17 ausências de respostas (40%), presentes em 9 das 10 localidades abrangidas. Os municípios de Santana e Oiapoque tiveram 3 ausências de respostas cada um, totalizando 75% de ausência em cada uma dessas localidades. Na tabela 3, são apresentados os dados percentuais de ocorrências das variantes supracitadas.

Tabela 3 – Variação diasssexual e diageracional: carta L137

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Pega-pegã	3	(50%)	3	(50%)	5	(83%)	1	17%
Pira-mãe	3	(60%)	2	(40%)	4	(80%)	1	20%
Pira	1	(25%)	3	(75%)	0	(0%)	4	100%
Pira-pegã	1	(33%)	2	(67%)	3	(100%)	0	0%
Pira-cola	3	(100%)	0	(0%)	3	(100%)	0	0%
Pega-mãe	0	(0%)	1	(100%)	1	(100%)	0	0%
Outras	0	(0%)	2	(100%)	2	(100%)	0	0%
Sem respostas	10	(62,5%)	6	(37,5%)	4	(25%)	12	75%

Fonte: Elaborada pelos autores

Conforme a tabela 3, a variante *pegã-pegã* possui a mesma distribuição de frequências entre homens e mulheres, sendo 3 frequências em cada gênero. Já em relação aos grupos etários, essa mesma lexia predomina no grupo A, dos mais jovens. A segunda lexia, *pira-mãe*,

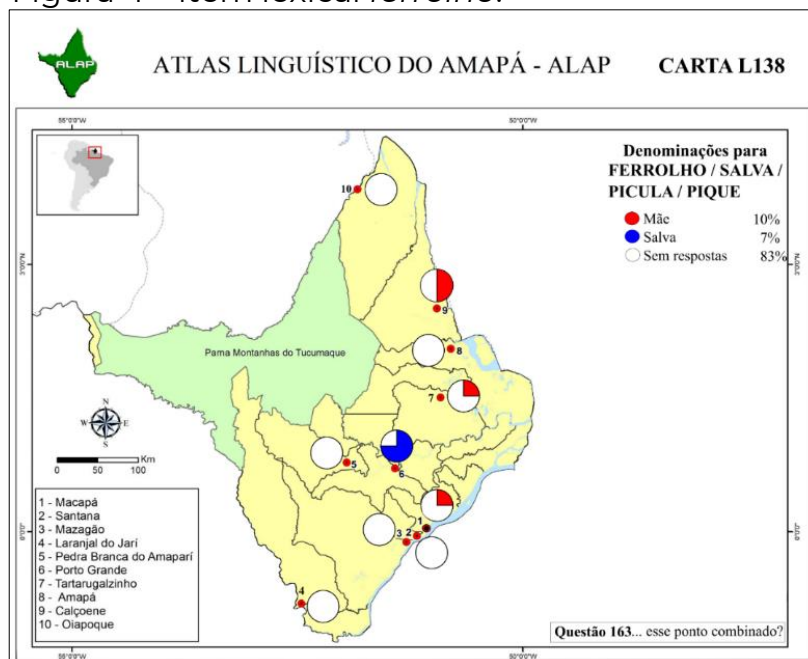
prevalece entre os homens (3 ocorrências) e está mais presente na fala dos mais jovens também (4 ocorrências).

De maneira oposta, a variante *pira* prevalece entre as mulheres (3 ocorrências) e está presente somente no grupo dos mais velhos (4 ocorrências). No que se refere à variante *pira-pegã*, sua ocorrência se faz presente principalmente na fala das mulheres (2 ocorrências que somam 67%) e unicamente no grupo dos informantes mais novos (3 ocorrências). A variação *pira-cola* foi mencionada apenas entre informantes do sexo masculino (3 ocorrências) e apenas entre os mais jovens.

4.4 Variações lexicais para *ferrolho*

O item *Ferrolho* corresponde ao quarto brinquedo/brincadeira infantil presente no atlas analisado. Trata-se da carta L138, referente à questão 163 do ALiB: “como você chama esse ponto combinado?”. Houve duas variantes como resposta: *mãe* e *salva*. Seguindo o mesmo padrão de análise já descritos, a figura 4 apresenta essas variantes conforme suas ocorrências por localidades:

Figura 4 – item lexical *ferrolho*.



Fonte: Elaborada pela equipe ALAP.

Para este item lexical, é possível constatar a predominância das ausências de resposta, em comparação com as variantes citadas. Somam-se 33 ausências de respostas, que totalizam um percentual de 83% de falta de respostas. A variante *mãe* apresenta quatro ocorrências (10%), sendo duas no ponto de inquérito 9 (Calçoene), uma no ponto 7 (Tartarugalzinho) e uma no ponto 1 (Macapá). A variante *salva* se restringe ao município de Porto Grande, com 3 ocorrências. A tabela a seguir apresenta as frequências de variações conforme idade e sexo.

Tabela 4 – Variação diassexual e diageracional: carta L138

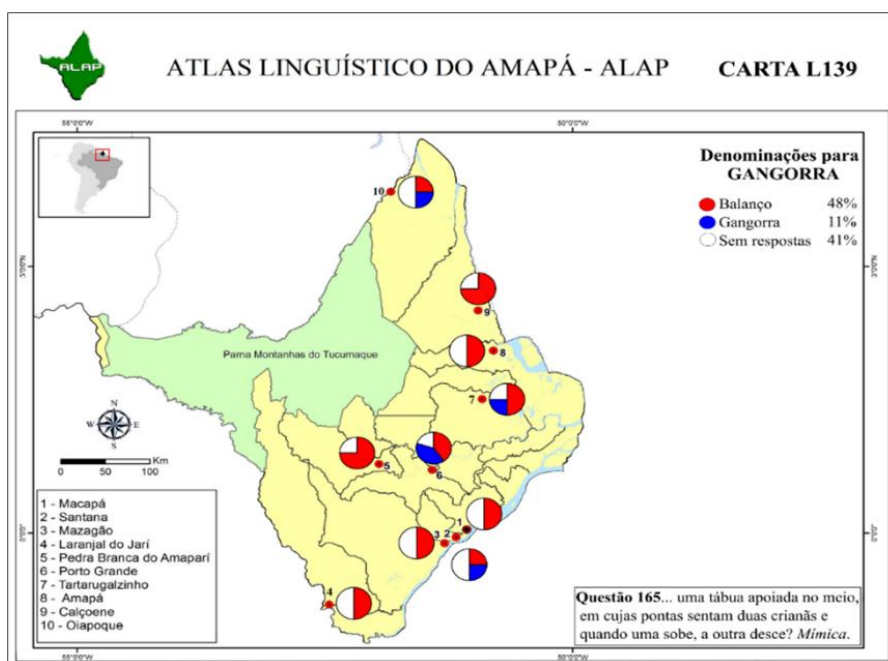
Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Mãe	2	50%	2	50%	1	25%	3	75%
Salva	2	67%	1	33%	2	67%	1	33%
Sem respostas	13	45%	16	55%	15	52%	14%	48%

Fonte: elaborada pelos autores.

A tabela anterior mostra que a variante *mãe* apresenta a mesma frequência de ocorrência tanto entre homens quanto entre mulheres (duas ocorrências em cada sexo). Porém, em relação à faixa etária, essa mesma variante se mostra mais presente no grupo B (50-57 anos). Em contraposição a isso, a variante *salva* prevalece no grupo A (18-30 anos) e predomina também entre os informantes do sexo masculino, com duas ocorrências que totalizam 67% das ocorrências dessa variante.

4.5 Variantes lexicais para *gangorra*

Para a carta 139 – *gangorra*, cuja pergunta referente foi: “como você chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?” (questão 165 do QSL ALiB), foram apresentadas as seguintes variantes: *balanço* e *gangorra*. A carta linguística a seguir permite visualizar as ocorrências relativas a cada uma das variações, conforme os municípios de análise:

Figura 5 – item lexical *gangorra*.

Fonte: Elaborada pela equipe ALAP.

É possível perceber a prevalência do item balanço, seguida pela variante gangorra, menos incidente. Foram registradas ausências de respostas em todas as localidades abordadas. A variante mais frequente, *balanço*, representa 48%, enquanto as ausências de respostas correspondem a 41%. A variante menos frequente, *gangorra*, possui 5 registros (11% das ocorrências). Esta última variante foi registrada nos pontos de inquérito 10 (Oiapoque), 7 (Tartarugalzinho), 6 (Porto Grande) e 2 (Santana). Na tabela a seguir é possível verificar os percentuais conforme gênero e idade.

Tabela 5 – Variação diasssexual e diageracional: carta L139.

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18–30 anos)		Grupo B (50–75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Balanço	8	50%	8	50%	9	56%	7	44%
Gangorra	1	20%	4	80%	5	100%	0	0%
Sem respostas	5	50%	5	50%	4	40%	6	60%

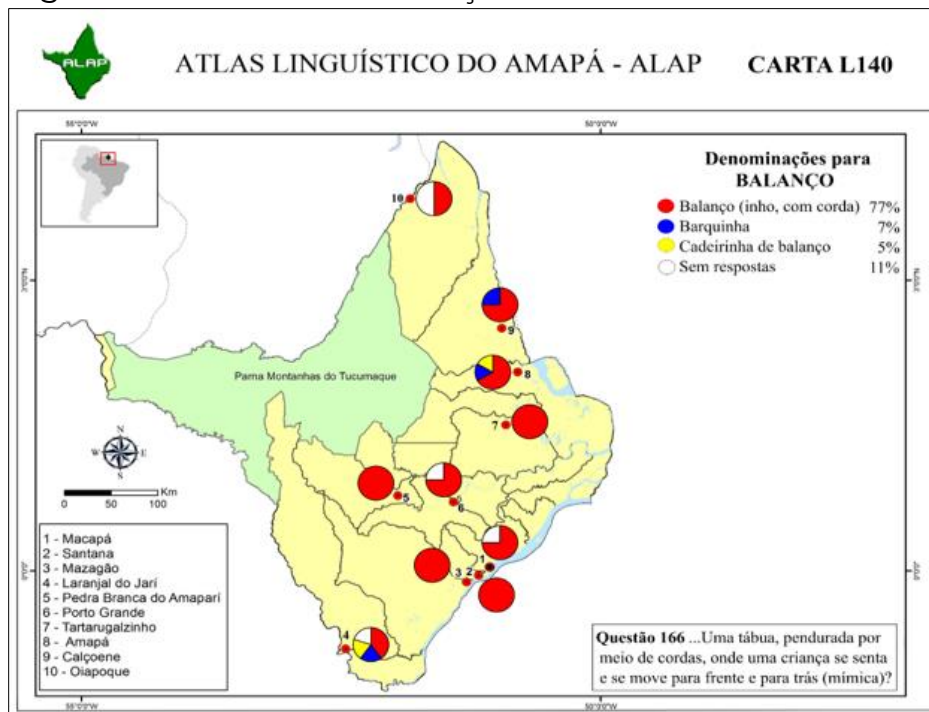
Fonte: Elaborada pelos autores.

Pela tabela 5, é possível perceber que a variante *balanço* possui incidência maior entre os jovens, representando 56% das ocorrências nessa faixa etária (grupo A). A variante *gangorra* ocorre apenas na faixa etária jovem, representando 20% das ocorrências no sexo masculino e 80% das ocorrências no sexo feminino.

4.6 Variantes lexicais para *Balanço*

O último item que compõe o referido campo semântico deste estudo corresponde ao brinquedo *balanço*. A pergunta correspondente é a seguinte: “como você chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” (questão 166 do QSL do ALiB). A carta lexical deste item, no ALAP, é a L140, que apresenta três lexias para esta brincadeira: *balanço* (*inho*, com corda), *barquinha* e *cadeirinha de balanço*. A princípio, é possível notar, pela disposição dos itens na carta (figura 6), a prevalência do item *balanço*.

Figura 6 – item lexical *balanço*.



Fonte: Elaborada pela equipe ALAP.

Além deste item, a segunda variante mais frequente, *barquinha*, foi registrada em três municípios: 4 (Laranjal do Jari), 8- (Amapá) e 9 – (Calçoene). Quanto à variante *cadeirinha de balanço*, esta foi registrada em apenas dois municípios: 4 (Laranjal do Jari) e 8 (Amapá), correspondendo a 5% das ocorrências. A tabela 6 apresenta as descrições quantitativas diatópicas:

Tabela 6 – Variação diasssexual e diageracional (carta L140).

Variantes	Homem		Mulher		Grupo A (18-30 anos)		Grupo B (50-75 anos)	
	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%	Ocor.	%
Balanço	14	45%	17	55%	17	53%	15	47%
Barquinha	3	100%	0	0%	0	0%	3	100%
Cadeirinha de balanço	1	50%	1	50%	0	0%	2	100%
Sem respostas	3	60%	2	40%	3	60%	2	40%

Fonte: elaborada pelos autores.

Conforme a tabela 6, a variante *balanço* possui maior expressividade, estando presente na fala dos homens, com 14 ocorrências, e das mulheres, com 17 ocorrências. Entre o grupo A, dos mais jovens, há 17 ocorrências e entre o grupo B, dos mais velhos, há 15 ocorrências.

Em relação à variante *barquinha*, houve ocorrência somente entre os homens, e apenas no grupo B (50-75 anos), com 3 registros. Sobre a variante *cadeirinha de balanço*, sua presença se restringiu ao grupo B, dos mais velhos, com uma ocorrência em cada gênero. No que diz respeito a falta de respostas, 3 informantes do sexo masculino e 2 do sexo feminino não responderam ao questionário.

Conclui-se, a partir dos dados observados, que os informantes do ALAP tiveram dificuldade para nomear o item *ferrolho*, o que evidencia possível desconhecimento, desuso ou indicativo deste item não ser típico do falar amapaense. Em relação à variação diageracional, destacou-se a variante *cabra-cega*, como resposta preferencialmente escolhida pela faixa etária mais jovem, representando 100% das respostas nesse grupo. No que concerne à variação diasssexual, destacou-se o item *gangorra*, com tendência nas respostas das mulheres, representando 80% do total de respostas.

Em síntese, na análise dos dados, identificamos que nos itens de nº 136 - *cabra-cega*, nº 139 - *gangorra* e nº 138 - *ferrolho*, houve predominância lexical diferente de variantes padrão do português brasileiro, respectivamente denominados por amapaenses como *pata-cega*, *balanço* e *mãe*. Já no que se refere aos demais itens lexicais (*pipa/arraia*, *pega-pega* e *balanço*), as denominações que se mantiveram com maior ocorrência foram de variantes padrão, ou seja, receberam a mesma nomeação dos itens investigados e já dicionarizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mapeou e analisou a variação lexical referente ao campo semântico "jogos e brincadeiras infantis" no Atlas Linguístico do Amapá (ALAP), evidenciando a predominância de variantes mais específicas apenas para os itens *ferrolho*, *gangorra* e *cabra-cega*, denominados, respectivamente, como *mãe*, *balanço* e *pata-cega*. Nos demais itens investigados, prevaleceram as denominações correspondentes ao português brasileiro padrão, indicando maior estabilidade lexical e convergência com as formas já registradas em dicionários.

Apesar de a maioria das cartas lexicais aqui analisadas seguirem a prevalência de variantes padrão, há variantes menos frequentes que estão presentes no falar amapaense e caracterizam a heterogeneidade e a mudança da língua e, em muitos casos, essas variantes não se encontram dicionarizadas como *curica*, *cangula*, *pira-mãe*, *barquinha* etc.

O conjunto de mapas analisados não reflete todo o falar correspondente à variedade amapaense, mas fornece subsídios necessários para o desenvolvimento de novas pesquisas dialetais. Os fatores de natureza sociolinguística, atualmente, estão presentes nessas pesquisas e vêm ampliando o escopo da Dialectologia, buscando relacionar o espaço geográfico, o contexto sociocultural e os usos da língua.

Por fim, esta pesquisa certamente terá continuidade, com a descrição do léxico no estado do Amapá, visto que a língua natural se modifica a todo momento. Além disso, esperamos que este trabalho possa aprimorar e expandir a compreensão e os saberes acerca do léxico e da cultura do estado do Amapá, com a descrição do falar amapaense, além de

auxiliar em novos projetos com foco nos estudos comparativos com outros atlas linguísticos.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, S. A. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S. (et al.). **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014.

FERREIRA, J. A. **Jogos e diversões infantis**: um estudo geossociolinguístico na região norte do Brasil. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C.; SANCHES, R. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RIBEIRO, S. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”**. 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MACIEL, Marcele; SANCHES, Romário. Análise lexical do campo semântico "jogos e brincadeiras infantis" nos dados do Atlas Linguístico do Amapá. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 16, e97263, 2026. DOI: 10.36517/ep15.97263